

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: 432

Data: 07/12/80

Pg.: \_\_\_\_\_

# As restrições do governo ao cacique Juruna

Da sucursal de  
**BRASÍLIA**

Não são poucas as restrições que o presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, faz ao cacique Mário Juruna. Ele acha que o cacique está abandonando as suas funções de chefe, e passando a viver a maior parte do tempo em perambulações pelas cidades. O coronel teme, inclusive, que Juruna possa vir a ser destituído de suas funções, pois outros chefes índios estão descontentes com a sua conduta, como o seu primo Uarodi, da reserva de Pimentel Barbosa.

Uarodi acusa Mário Juruna de não ter comparecido sequer à reunião dos chefes xavantes realizada em Pimentel Barbosa, recentemente, fato que deixou os demais caciques bastante aborrecidos. O coronel afirma que a Funai não se quer intrometer nos assuntos políticos das aldeias, mas acompanha com preocupação o caso Juruna.

Ele quer saber, por exemplo, qual a destinação do dinheiro que o cacique arrecada em suas viagens. "Recentemente, disse Nobre da Veiga, Juruna fez uma publicidade para o produto Atalaia Jurubeba, ganhando uma boa quantia. A Funai, agora, quer saber se realmente a sua comunidade recebeu este dinheiro ou se ele foi gasto pelo cacique na compra de objetos pessoais."

Nobre da Veiga disse que não sabe como Juruna consegue dinheiro para viajar e jantar em restaurantes. "Não queremos espionar o cacique", disse o coronel, mas apenas saber para onde vai ele. Sabemos, por exemplo, que ganhou Cr\$ 30.000,00 para fazer uma palestra em Curitiba, mas será que a sua comunidade foi beneficiada?"

Nobre da Veiga disse, ainda, que a Funai não dá dinheiro diretamente ao índio, preferindo destiná-lo aos projetos desenvolvidos junto à comunidade. Até pouco tempo isto ocorria e esta é uma prática que ele considera errada. Muitos xavantes chegavam em Brasília e "exigiam dinheiro da Funai para comprar roupas, utensílios, etc., e este dinheiro era sempre fornecido para que o índio voltasse para a aldeia o mais depressa possível".

Sobre a viagem para a Holanda, Nobre da Veiga, assim como os chefes xavantes que foram contra a ida do cacique, afirma que ele é o chefe apenas da aldeia Namucurá — que tem, ao todo, 230 índios — e não de todos os xavantes. Mas não houve, até agora, qualquer dissidência no grupo de Juruna, apesar dos problemas de liderança que o cacique estaria enfrentando, segundo afirmou o presidente da Funai.

Percebe-se na Funai, de um modo geral, um clima de irritação pelas atitudes de Mário Juruna, que é acusado, por alguns, de oportunista, e por outros, de ter abandonado sua vida tribal, fascinado pela vida na cidade grande. E muitos apostam no seu declínio rápido como chefe xavante.

O próprio presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, sintetiza esse sentimento, ao comentar a decisão do TFR, que autorizou sua viagem para a Holanda: "Ele viajou. Só que terá de

explicar que abandonou a sua comunidade há muito tempo, que trocou o dever de líder de sua gente para ficar aparecendo nos noticiários, desfilando nos melhores ambientes, apenas com brancos e brancas, completamente envaidecido com esta nova vida."

E é assim que Juruna foi parar até nas colunas sociais. Uma delas dizia, na semana passada, que, por freqüentar os melhores restaurantes de Brasília, "onde aprendeu a escolher os bons pratos, a boa companhia e uma saborosa cerveja gelada, já fez jus ao primeiro apelido: é chamado, carinhosamente, de Gabeira da Aldeia".

É o próprio Juruna quem conta que chegaram a sua aldeia boatos de que ele tem uma mulher branca em cada cidade. Ele nega: "Até hoje eu não namorei mulher branca". E acrescenta: "mas, se isso acontecer um dia, não vejo nenhum problema. O branco também não namora e até casa com mulher índia?" O que ele acha, porém, é que, tanto para um como para outro, é muito difícil a adaptação a nova cultura, mas que isso não chega a ser um fator de impedimento. Ele acha que o fato de freqüentar restaurantes bons em Brasília, saunas — para ele a sauna seca é o purgatório e a molhada o inferno —, gastar parte do dinheiro que arrecada em donativos e palestras com roupas e outros atrativos da sociedade de consumo não diminui a sua condição de chefe, nem tampouco a sua luta pela causa indígena. "Estas acusações são muito estranhas, diz o cacique. Disse-ram que exige dinheiro para fazer uma palestra em Curitiba. Mas o branco, quando viaja, ganha passagem, diária e ainda leva dinheiro para gastar. Eu não tenho dinheiro e não ganho salário da Funai, e às vezes preciso de dinheiro".

O próprio Juruna, sempre que pode, acusa a Funai de incentivar os xavantes a buscarem donativos junto a embaixadas, entidades beneficentes, etc. Uma autorização da Presidência da Funai, apresentando-o como chefe xavante em busca de ajuda financeira para a tribo, é sempre apresentada pelo cacique quando alguém na Funai faz críticas aos métodos por ele utilizados para conseguir dinheiro.

"Andam dizendo até que eu tenho carro particular, conta Juruna, só porque recentemente vim de carona com um amigo até Brasília". Juruna, assim como outros xavantes, está sempre em Brasília. A reserva não fica muito longe de Barra do Carças, e de lá até a Capital não se gasta mais que uma noite de viagem. A Funai tentou impedir estes constantes deslocamentos, que saem onerosos para o governo, mas os índios já descobriram que a pressão direta junto aos diversos departamentos da Funai dá melhores resultados para suas reivindicações. Em Brasília, seja na casa do índio, ou hospedados em casa de amigos — como ocorre com Juruna — os xavantes podem sempre ser encontrados. Fazem compras, vão ao cinema e freqüentam a Funai durante o expediente administrativo. Mas o coronel Nobre da Veiga afirma que a presença maciça de xavantes em Brasília vai diminuir, pois a Funai acha que lugar de índio é na aldeia.

## Mas ele continua a defender seu trabalho

Da sucursal do  
**RIO**

Figura já facilmente identificada pelo público, o cacique xavante Mário Juruna atraiu a atenção de grande número de pessoas que se encontravam, ontem, no Aeroporto Internacional do Galeão, no Rio, após o desembarque de um voo da KLM que o trouxe de Roterdã, Holanda, onde participou do 4º Tribunal Bertrand Russel.

Ele queixou-se muito do frio europeu e lamentou ter chegado "na última hora". "Se eu tivesse chegado no início do Tribunal deixava muita verdade na



Mário Juruna

frente do terreiro". Apesar do atraso, Juruna acha que sua viagem à Holanda "foi bom para a comunidade indígena porque na próxima vez o governo não pode dizer que não pode sair".

Ao tomar conhecimento de que o senador Jarbas Passarinho dissera que ele não representava sua gente porque estava, há muito tempo, longe da aldeia, Juruna irritou-se: "Ninguém pode mandar na minha cabeça. Se eu não sair para defender índio, quem pode defender? Senador vai defender? Índio passando fome, quem defende? Eles estão com medo porque estou levando a sério problema do índio".

Ele lançou um quase-desafio: "Chego terça-feira em Brasília. Se Passarinho quiser, vou conversar com ele no gabinete dele".

A decisão do Supremo Tribunal Federal concedendo-lhe o direito de viajar, segundo Juruna, deve servir de lição à Funai: "Vamos ver se com essa decisão a Funai cria vergonha. Se tiver vergonha. Se não, não tem jeito". Ele disse que sertanista que não é a favor do índio, fica lá (na Funai), ninguém mexe. "A gente pensa que Funai gosta de índio. Não é. Eles querem é o emprego. Governo gasta muito dinheiro com funcionários. Para atender o índio não sobra nada." Juruna disse que "qualquer autoridade dos brancos não tem o direito de falar em nome do índio". "Hoje, continuou, quem fica com a chave das pessoas são os militares. Parece que não existe o povo, parece que o resto não tem capacidade."